

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

RAFAEL SALAMI DORA

**EDUCAR É PARTIR VOLTAR E REPARTIR:  
A Formação do Professor de Geografia e o  
Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE/UFRGS**

Porto Alegre

2023

RAFAEL SALAMI DORA

**EDUCAR É PARTIR VOLTAR E REPARTIR:  
A Formação do Professor de Geografia e o  
Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE/UFRGS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como parte dos requisitos necessários para a  
obtenção do título de licenciado em Geografia.  
Orientador: Prof. Dr. Nestor André Kaercher

Porto Alegre

2023

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP - Catalogação na Publicação

Salami Dora, Rafael

EDUCAR É PARTIR VOLTAR E REPARTIR: A Formação do Professor de Geografia e o Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE/UFRGS / Rafael Salami Dora. -- 2023. 56 f.

Orientador: Nestor André Kaercher.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Formação do professor. 2. Método (auto)biográfico. 3. Pré-Vestibular Popular CEUE/UFRGS. 4. Geografia. I. André Kaercher, Nestor, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RAFAEL SALAMI DORA

**EDUCAR É PARTIR VOLTAR E REPARTIR:  
A Formação do Professor de Geografia e o  
Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE/UFRGS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como parte dos requisitos necessários para a  
obtenção do título de licenciado em Geografia.  
Orientador: Prof. Dr. Nestor André Kaercher

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Nestor André Kaercher  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Profª Drª. Roselane Zordan Costella  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Profª Drª. Larissa Corrêa Firmino  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (Freire, p.5, 2022a).

## AGRADECIMENTOS

Nossa jornada é feita de uma sucessão de acontecimentos dos quais não lembramos da metade. Se eu, porventura fosse lhe contar a minha, acredito que miseravelmente eu falharia e por um motivo muito simples: eu não lembro. Não me recordo de tudo que aconteceu do dia 21/05/1994 em diante, dia em que vim a este mundo. No entanto, temos uma história. E pasmem, não é porque a vivemos ou porque se passaram inúmeros acontecimentos. Possuímos uma história a partir do momento em que a contamos para alguém, inclusive para nós mesmos. Deste ponto em diante nos interessa aquilo que contamos e o porquê de termos contado. Esses acontecimentos vez e outra perdidos em nossa linha de tempo nada linear, configuram “momentos charneira” como escreve Josso (2014). Momentos em que tomamos consciência das mudanças que queremos e que precisamos operar em nossas vidas e por isso eles são tão valiosos. São tão marcantes! É através destes momentos, verdadeiros marcadores, que passamos a contar nossa história. A minha história não é diferente e neste trabalho estão escritos alguns dos marcadores mais importantes que tenho. Privilégio meu ter um espaço tão importante como esse, do trabalho de conclusão de curso, dedicado em partes a contar minha própria vida tal qual um fio condutor que me leva a outros lugares e que me faz, e refaz, num emaranhado de outros fios/vidas que compartilham essa grande teia que é a nossa existência.

Portanto, para iniciar a sessão de agradecimentos, em primeiro lugar agradeço a todas outras vidas que junto da minha formam esse grande emaranhado que sustenta tudo. Em especial agradeço à vida daqueles e daquelas que vieram antes de mim e que através de suas lutas me proporcionaram estar onde estou hoje.

À minha querida mãe, dona Rosa, por toda tua luta e teus sacrifícios em prol dos meus sonhos. Obrigado de verdade por me sonhar desde antes de eu mesmo ter sonhos. Tudo valeu a pena e me sinto pleno e feliz. Quero pra ti o mundo todo!

Ao meu pai, Lalo (*in memoriam*), que foi o melhor pai desse mundo mesmo diante de suas limitações. Queria que estivesse aqui para compartilhar esse momento comigo, mas sei que de onde estás me vigia e me guarda. Saibas que te sinto em todos os momentos aqui dentro. Sempre ao teu lado!

Aos meus avós, Rosalina, Amélio, Doralina e Espiridião, todos em memória, por tudo que fizeram pelos meus pais e por mim. Minha única dor é ter tido tão pouco tempo com vocês. Obrigado por tudo!

Aos meus padrinhos e madrinhas, Isabel, André (*in memoriam*), Cristiane, Cacalo (*in memoriam*) e Berenice, pelo apoio e pelo amor em todos os momentos.

Ao restante da minha família que mesmo longe sinto o amparo e o carinho.

Aos meus de fé que desde o início estiveram comigo, em especial a galera da Agostinho e da Zeferino Dias. A melhor escola foi aquela que fiz com vocês pelas ruas de Porto Alegre.

Aos meus mestres e mestras, professores e professoras, que me ensinaram quase tudo que sei. Aqui merecem nota especial alguns deles, como o professor Diego, o primeiro a me sonhar na UFRGS. Professor Artur Klassmann, meu padrinho e amigo, responsável por me trazer a Geografia que tanto amo e por me ensinar que educar é, acima de tudo, criar vínculos. Professor Nestor André Kaercher (NAK) por me fazer muito mais perguntas do que me dar respostas. Professora Roselane Zordan Costella pelo encanto por ensinar, pelas doces palavras de apoio, por ter aceitado participar desta banca e por ter me apresentado o método (auto)biográfico em que me encontrei plenamente. Professora Larissa Corrêa Firmino por gentilmente ter me acolhido em momentos de dúvida, mostrando-me caminhos possíveis e também por ter aceitado participar desta banca.

À minha eterna (e melhor) barra da Geografia, a 18/2, por tantos momentos inesquecíveis durante a graduação. Só a gente sabe! E eu vou levar vocês comigo para sempre.

Aos meus pares da docência que junto comigo pensaram, refletiram e agiram em prol de uma educação de liberdade e autonomia crítica. Sem vocês a docência não teria metade da potência que teve. Amo vocês: João Pedro, João Gabriel, Nicole, Raul, Ricardo e Pedro.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela oportunidade de usufruir da estrutura e do espaço de excelência. Merece destaque os Restaurantes Universitários (RUs) por todas as refeições nutritivas e balanceadas antes, ou após, as aulas.

Ao Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE por constituir-se num espaço de transformação social por meio da educação popular.

*Porque eu descobri o segredo que me faz humano  
Já não está mais perdido o elo  
O amor é o segredo de tudo  
E eu pinto tudo em amarelo  
(EMICIDA, 2019)*



## RESUMO

Esta pesquisa foi realizada como requisito de conclusão do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O seu objetivo é refletir sobre a minha trajetória de formação como professor de Geografia. Dado que a formação profissional do professor possui dimensões de cunho temporal e espacial, busca-se nas experiências vividas e no saber que delas derivam as influências relacionadas com a escolha pela licenciatura e pela Geografia. O desejo de investigar esta temática surge da minha própria experiência formativa enquanto professor de Geografia. A partir daquilo que me aconteceu e que me tocou no curso das experiências com lugares e com pessoas em minha formação como professor, tornou-se relevante como objetivo desta pesquisa investigar a experiência vivida no Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE (UFRGS) enquanto aluno durante o ano de 2017. Junto a outros dois colegas que cursaram o pré-vestibular naquele ano e também optaram pela licenciatura em Geografia, além do professor de Geografia do cursinho naquele ano. Através do método autobiográfico tendo como dispositivos as narrativas dos sujeitos, pretende-se que seja feita uma reflexão sobre a formação do professor de Geografia a partir das experiências em determinados tempos e espaços. A partir da análise dessas narrativas, realizou-se algumas constatações a partir dessa pesquisa, como, por exemplo, a influência do professor de Geografia do cursinho tanto na escolha pela licenciatura como também na escolha pela Geografia. Isto se deu através do estabelecimento de vínculos entre professor e aluno, sobretudo a partir das práticas do professor em sala de aula. Outra constatação ocorreu na direção das relações de pertencimento com o espaço universitário da UFRGS, estabelecidas a partir da permanência dos sujeitos nesse espaço em razão das aulas do Cursinho Popular do CEUE serem realizadas dentro do Campus Central da referida universidade. No que tange a identidade do professor de Geografia, também se constatou que essas foram constituídas em parte pela experiência com o Cursinho Popular, sobretudo em torno da ideia de devolutiva social desenvolvida naquele espaço. Em outras palavras, ao receberem a oportunidade de estudar no cursinho e por meio dele acessarem o Ensino Superior, esses sujeitos buscam através das suas práticas docentes também oportunizar o acesso de outros estudantes ao Ensino Superior, sobretudo aqueles e aquelas que vivem em contextos socioeconômicos desfavorecidos. Entende-se com o decorrer da pesquisa que o Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE atua na formação do professor de Geografia e na construção da sua identidade docente a partir do seu conjunto de professores e do seu espaço formativo, favorecendo a criação de vínculos de afetividade entre os sujeitos e a educação e entre a educação e os sujeitos.

**Palavras-chave:** Formação do professor. Método (auto)biográfico. Pré-Vestibular Popular CEUE/ UFRGS. Geografia.

## RESUMEN

Esta investigación fue realizada como requisito de conclusión del curso de Licenciatura en Geografía de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Su objetivo es reflexionar sobre mi trayectoria formativa como profesor de Geografía. Dado que la formación profesional del profesor cuenta con dimensiones de cuño temporal y espacial, se busca en las experiencias vividas y en el saber que de ellas derivan las influencias relacionadas con la elección por la licenciatura y por la Geografía. El deseo de investigar esta temática surge de mi propia experiencia formativa como profesor de Geografía. A partir de lo que me sucedió y que me tocó en el curso de las experiencias con lugares y con personas en mi formación como profesor, se hizo relevante como objetivo de esta investigación investigar la experiencia vivida en el Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE (UFRGS) como alumno durante el año 2017. Junto a otros dos colegas que cursaron el pre-vestibular aquel año y también optaron por la licenciatura en Geografía, además del profesor de Geografía del cursillo aquel año. A través del método autobiográfico teniendo como dispositivos las narrativas de los sujetos, se pretende que se haga una reflexión sobre la formación del profesor de Geografía a partir de las experiencias en determinados tiempos y espacios. A partir del análisis de esas narrativas, se realizaron algunas constataciones a partir de esa investigación, como por ejemplo la influencia del profesor de Geografía del cursillo tanto en la elección por la licenciatura como en la elección por la Geografía. Esto se dio a través del establecimiento de vínculos entre profesor y alumno sobre todo a partir de las prácticas del profesor en aula. Otra constatación ocurrió en la dirección de las relaciones de pertenencia con el espacio universitario de la UFRGS, establecidas a partir de la permanencia de los sujetos en ese espacio en razón de las clases del cursillo popular del CEUE ser realizadas dentro del Campus Central de dicha universidad. En cuanto a la identidad del profesor de Geografía, también se constató que éstas fueron constituidas en parte por la experiencia con el cursillo popular, sobre todo en torno a la idea de devolutiva social desarrollada en aquel espacio. En otras palabras, al recibir la oportunidad de estudiar en el cursillo y por medio de él acceder a la enseñanza superior, esos sujetos buscan a través de su práctica docentes también oportunizar el acceso de otros estudiantes a la enseñanza superior, sobre todo aquellos y aquellas que viven en contextos socioeconómicos desfavorecidos. Se entiende con el curso de la investigación que el Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE actúa en la formación del profesor de Geografía y en la construcción de su identidad docente a partir de su conjunto de profesores y de su espacio formativo, favoreciendo la creación de vínculos de afectividad entre los sujetos y la educación y entre la educación y los sujetos.

**Palabras clave:** Formación del profesor. Método (auto)biográfico. Pre-vestibular Popular CEUE/UFRGS. Geografía.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>CEUE-PV</b>	Cursinho Pré-Vestibular Popular do Centro de Estudantes Universitários de Engenharia
<b>RU</b>	Restaurante Universitário
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>1 "TALVEZ SEJA BOM PARTIR DO FINAL..."</b> .....	12
<b>2 O CAMINHO SE FAZ PELA EXPERIÊNCIA</b> .....	15
<b>3 BIOGRAFANDO <i>GEOGRAFIZO E HISTORICIZO</i> MINHA EXISTÊNCIA</b> .....	23
3.1 EIXO HISTÓRIA DE VIDA.....	24
3.1.1 Com a palavra, Ricardo.....	25
3.1.2 Com a palavra, João.....	27
3.1.3 Com a palavra, Artur.....	28
3.1.4 Com a palavra, o autor.....	30
3.2 EIXO FORMAÇÃO DOCENTE.....	31
3.3 EIXO CURSINHO POPULAR DO CEUE.....	34
<b>4 É SOBRE "PARTIR, VOLTAR E REPARTIR"</b> .....	48
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51
<b>APÊNDICE A</b> .....	53
<b>APÊNDICE B</b> .....	54

## 1 "TALVEZ SEJA BOM PARTIR DO FINAL..."

Este trabalho é antes de mais nada a soma de algumas reflexões que vêm sendo feitas desde o início da graduação e que agora chegam até o momento do TCC. Pensar a própria existência, em especial enquanto professor de Geografia, tem sido um movimento constante ao longo do curso. Neste texto encontrei espaço para dialogar com algumas respostas e com muitas outras perguntas que surgiram e continuam a surgir no meu caminho: Como e por que me tornei professor? Por que escolhi a Geografia? Quem foram os meus "monstros"<sup>1</sup>? Quais espaços participaram da minha construção professoral? Portanto, essa pesquisa é um pouco sobre mim e como me construí professor, mas como não existencio sozinho nesse mundo, à pesquisa também interessa os "porquês" da formação de outros professores de Geografia.

A escolha pelo tema da pesquisa está relacionada aos entrelaçamentos que existem entre a minha formação como professor de Geografia e o Cursinho Pré-Vestibular Popular do Centro de Estudantes Universitários de Engenharia da UFRGS (CEUE-PV), considerando que foi durante o ano em que fui aluno do cursinho (2017), que ratifiquei minha decisão de ser professor de Geografia. Além da minha própria experiência, surge a oportunidade de compreender melhor as influências do cursinho na formação de professores de Geografia a partir das histórias de vida de outros dois colegas que também escolheram a licenciatura em Geografia naquele mesmo ano. Trago para este trabalho as histórias de vida desses colegas, com os quais estabeleci vínculos importantes durante o cursinho e a graduação, em muitos momentos compartilhando a docência. Também se mostrou relevante que o professor de Geografia do cursinho naquele ano participasse da pesquisa, à medida em que se tem o reconhecimento da sua influência nos demais sujeitos em sua escolha pela licenciatura em Geografia.

A formação de um professor é constituída de um lado por saberes técnicos advindos da formação escolar e acadêmica e de outro pelos saberes mais subjetivos que são o resultado das experiências e das relações sociais do sujeito pelos

---

<sup>1</sup> A expressão "monstro" significa alguém com grande prestígio por parte do autor a ponto de se tornar uma referência de pensamento e até mesmo de ação. Agradeço ao professor NAK pelo empréstimo.

espaços que vivenciou. Tardif (2000), reconhece que os saberes dos professores provêm de fontes variadas, inclusive de suas histórias de vida. Nesse sentido, justifica-se a escolha pelo método (auto)biográfico nesta pesquisa, uma vez que ele “associa estreitamente as pessoas ao processo formativo e as considera como os atores integrais de sua própria formação” (Delory-Momberger, 2014, p. 314).

Desta forma, diante de um momento de reflexão acerca dos processos que envolvem a formação do professor de Geografia, não se pode deixar de considerar que o percurso formativo de um profissional da docência ocorre ao longo de um caminho que perpassa por diferentes espaços formativos (Costella e Menezes, 2019). Assim sendo, a presente pesquisa busca examinar os entrelaçamentos existentes entre o Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE-PV e a formação de professores de Geografia. Em especial do processo de escolha pela licenciatura em Geografia. Para tanto, pretende-se atingir os seguintes objetivos específicos: **a)** Compreender os processos que envolvem a formação do professor, em especial de Geografia, através do diálogo com o referencial teórico escolhido; **b)** Analisar, por meio do dispositivo das narrativas, quais conexões existem entre as histórias de vida dos sujeitos e a sua formação profissional como professor; **c)** Investigar quais entrelaçamentos existem entre a experiência no Cursinho Popular, em especial o do CEUE-PV, e o processo de formação docente; **d)** Refletir sobre as concepções de educação dos sujeitos e as possíveis relações com o Cursinho Popular do CEUE. Na medida em que a pesquisa busca compreender as contribuições do cursinho e dos seus professores na formação do professor de Geografia, torna-se relevante não apenas para formação dos sujeitos envolvidos, mas também para o Ensino de Geografia e para o campo das pesquisas sobre formação docente.

A pesquisa está estruturada em quatro capítulos. Inicia pelo capítulo da introdução denominado “Talvez Seja Bom Partir Do Final”, tal qual a frase inicial da música *É Tudo Pra Ontem* do rapper brasileiro Emicida com a participação de Gilberto Gil, em analogia ao período final da graduação e as reflexões que dele partem e que dão início a este trabalho de conclusão. No segundo capítulo “O Caminho Se Faz Pela Experiência” busca-se demonstrar quais bases teórico-metodológicas dão suporte à pesquisa, a saber o método das narrativas autobiográficas acompanhado dos conceitos de “experiência” e “saber da experiência”. No terceiro capítulo “Biografando *Geografizo e Historicizo* Minha

Existência”, realiza-se o diálogo e a análise das histórias de vida narradas por professores de Geografia à luz do referencial teórico escolhido para pesquisa, a saber, o do Ensino de Geografia, com intuito de investigar quais tempos e espaços foram fundamentais para formação profissional desses professores. Neste ponto, tem-se a hipótese de que o espaço do Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE desempenha uma função de destaque, baseada na experiência própria do autor nesse espaço. O quarto e último capítulo reservado às conclusões da pesquisa, nomeado de “É Sobre “Partir, Voltar E Repartir””, também em alusão à letra da música *É Tudo Pra Ontem*, realiza-se um movimento de retomada das principais ideias que surgiram durante a análise das narrativas dos sujeitos professores, demonstrando aquilo que foi possível alcançar com este trabalho.

## 2 O CAMINHO SE FAZ PELA EXPERIÊNCIA

*“[...] a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (Larrosa, 2002, p. 28)”*,

Início essa que é a seção do caminho metodológico desta pesquisa com a provocação que faz Larrosa quando exprime que a experiência não é um caminho objetivo, racional e positivo, mas sim, um lançar-se ao imprevisível, ao desconhecido. É se expor ao que não é mapeável, ao que não se pode prever nem dizer. Portanto, a experiência é o próprio caminho e o que fazemos com ele, assim como também é o que fazem conosco durante esse caminhar.

Ao me deparar com este momento em que devo selecionar um caminho metodológico para minha pesquisa, encontro dificuldades em seguir o modelo rígido e acadêmico da ciência positivista predominante no ambiente da universidade. Para dizer a verdade, desde o início da minha trajetória na graduação busquei formas-outras de escrever e de fazer ciência. Procurei caminhos que pudessem dar relevância aos aspectos mais subjetivos e que fossem capazes de refletir a diversidade na unicidade que é o mundo e os seus habitantes. Por isso, alerto o(a) leitor(a) que neste trabalho não se encontra um passo a passo para resolver um problema, ou uma receita genérica que pode ser aplicada em outros lugares e/ou outras pessoas. Este trabalho está repleto de subjetividades construídas ao longo das histórias de vida de alguns sujeitos que aqui se revelam como verdadeiros construtores do seu caminho formativo enquanto professores de Geografia. E, portanto, é para isto que este trabalho serve, para que sujeitos, inclusive este que vos escreve, reflitam sobre sua formação como professores de Geografia à luz dos acontecimentos passados de suas histórias de vida. Em outras palavras, como aquilo que denominamos de experiência, ou *saber de experiência*<sup>2</sup>, ajuda a construir

---

<sup>2</sup> Utiliza-se o termo “saber de experiência” de Jorge Larrosa Bondía, em “Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência”.



quem somos e para onde vamos enquanto professores de Geografia.

O que o(a) leitor(a) está prestes a acompanhar é fruto maduro do ato de pensar sobre a própria existência, em especial a partir de quem se é hoje, buscando respostas em quem já se foi antes. Vasculho o passado em busca de fragmentos de memória que possam ganhar outros significados sob o olhar do agora, na tentativa de desvelar aquilo que me constitui no que sou hoje, além de um sujeito de sorte, um professor de Geografia. Tão logo, posso afirmar que esta pesquisa é sobre pensar a si mesmo, e “pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é, sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (Larrosa, 2002, p. 21). No texto referido, Larrosa faz uso de um jogo de significados a respeito das palavras. Para o autor, as palavras são potencialidades capazes de produzir sentido, de dar significado e de criar subjetividades a partir de determinadas experiências. Segundo ele, as palavras estão por trás da criação dos nossos próprios pensamentos, uma vez que ao pensarmos nomeamos nossas ideias e reflexões com palavras (Larrosa, 2002). A partir da ideia do sentido, ou do sem-sentido, que as palavras possuem, o autor nos leva a perceber que as palavras também guardam significados quanto a quem somos e com relação a forma com que nos colocamos para os outros e para o mundo. Tem a ver com a maneira que sentimos o mundo à nossa volta e como nos relacionamos com as pessoas de um modo geral. Desta forma, as palavras ganham notoriedade na formação individual e também coletiva do sujeito que as cria e as utiliza na descrição própria de si, enquanto lembra-se das experiências que teve.

Neste ponto, torna-se necessário esclarecer ao leitor(a) dois conceitos-chave que serão utilizados como meio para chegar aos objetivos propostos por esta pesquisa. São eles, os conceitos de Experiência e Saber de Experiência. Também é importante dizer que tais conceitos serão apropriados com base no que escreve Jorge Larrosa a seu respeito.

Inicialmente falaremos um pouco sobre a experiência. Larrosa (2002, p. 21) nos escreve que,

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam

muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (Larrosa, 2002, p. 21).

Com esse jogo de palavras o autor quer nos dizer duas coisas, a primeira é que a experiência, segundo ele, não é o acúmulo de vivências ao longo de um tempo determinado. Ou um conhecimento formado a partir da soma de diversas experiências diferentes, como experiência de vida, experiência de trabalho e entre outras. A experiência é formada daquilo que toca o indivíduo de maneira singular, heterogênea e subjetiva durante os acontecimentos da vida. É aquilo que marca o sujeito durante o próprio processo do viver e o transforma a partir de então, de maneira que após a experiência ele já não é mais o mesmo. Formou-se no ato de experienciar sua própria transformação. Tal concepção de experiência nos será muito útil ao longo da pesquisa, à medida que ao questionar os sujeitos professores de Geografia a respeito do que são e do porquê são, será através da sua experiência, ou melhor, daquilo que o tocou e o transformou que a resposta virá.

A segunda questão que nos alerta o autor, é sobre o que resulta da sociedade atual, moderna e liberal, capitalista e informacional, ávida por expressar opiniões como se conhecimento fosse simplesmente processar e enviar informação, exigente do ponto de vista da produtividade e fetichizada pelo trabalho constante e como estilo de vida. Como produto desta sociedade, Larrosa (2002, p. 24) define a nós, sujeitos modernos como,

ultra-informados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiperativos. E por isso, porque sempre estamos querendo o que não é, porque estamos sempre em atividade, porque estamos sempre mobilizados, não podemos parar. E, por não podermos parar, nada nos acontece (Larrosa, 2002, p.24).

Desta forma, o autor deixa claro que na sociedade atual a experiência é algo cada vez mais raro entre os sujeitos, visto que segundo ele,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos

tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2002, p.24).

Tendo explicitado algumas das ideias mais relevantes sobre o termo experiência, podemos partir afinal à pergunta: O que é então o Saber de Experiência? A ideia central por trás do termo cunhado por Larrosa é que o saber de experiência consiste numa forma de relação da vida humana com o conhecimento produzido por ela, cuja experiência desempenha um papel fundamental como campo de mediações (Larrosa, 2002). No entanto, o autor destaca que neste âmbito “conhecimento” tem outro significado que não o praticado pela ciência moderna. Aquele conhecimento de uma ciência pragmática e tecnicista; de um caráter universal e homogêneo; que encontra-se fora do sujeito; que basicamente é entendido como mercadoria e comumente associado ao dinheiro. Nesse sentido, também a vida adquire sentido no ato de satisfazer necessidades geradas no seio de uma sociedade consumista que considera o conhecimento algo a ser apropriado de forma útil. Assim sendo, para Larrosa (2002, p.27), o conhecimento assemelha-se mais à ao conceito de experiência, à medida que para ele o saber da experiência é, “o saber que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (ibidem, p. 27).

Desta forma, o saber da experiência se distancia da forma como concebemos o conhecimento, ao passo que não está relacionado às verdades sobre as coisas e o mundo, mas sim sobre o que tem ou não sentido a partir dele. O saber da experiência não está fora do sujeito e sim dentro, pois baseia-se na maneira com que ele próprio confere sentido ao que lhe acontece ao longo da vida. Está, portanto, carregado das singularidades e das subjetividades de cada indivíduo, ou de cada grupo de indivíduos, ou segundo Larrosa, de uma maneira mais clara, “trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria

existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (Larrosa, 2002, p. 26). Desta maneira, podemos concluir que “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-se de nossa própria vida” (Larrosa, 2002, p.27), na mesma medida em que “[...] tudo o que faz impossível a experiência faz também impossível a existência” (ibidem, p.28).

Devo informar ao leitor(a) o porquê de tantas linhas dedicadas às palavras experiência e saber da experiência escritas até aqui. Em primeiro lugar é para que o(a) leitor(a) saiba que o desejo de escrever sobre esse tema nasce junto da experiência vivenciada pelo autor em tempos e lugares diferentes, os quais guardam intrínseca relação com sua formação como professor de Geografia. Poderia aqui citar uma experiência que será ainda bastante explorada neste texto. Trata-se da experiência que tive como aluno do Cursinho Popular do CEUE, no ano de 2017, e que me proporcionou o acesso ao Ensino Superior além de ter transformado minha forma de ver e sentir o mundo, inserindo nele a Geografia e ao mesmo tempo afirmando minha escolha pela docência. Portanto, desempenha forte influência em minha formação como professor de Geografia, sobretudo no que diz respeito à escolha pela licenciatura em Geografia. Num segundo momento, essas duas palavras ajudam a preparar o caminho que essa pesquisa pretende percorrer, já que é através da experiência - e do seu saber - que busco identificar acontecimentos que contribuíram para a formação como professor de Geografia de outros sujeitos, além de mim, que compartilharam acontecimentos semelhantes, ou não semelhantes, comigo. Destarte, a relevância e a importância dos conceitos de experiência e saber da experiência se revelam ao oferecerem um Sul<sup>3</sup>, um *sulear*, para esta pesquisa.

Diante disso, a pesquisa busca entrelaçar a experiência e o saber que dela advém ao processo de formação do professor de Geografia, com especial atenção à história de vida e às experiências do autor. Para atingir esse objetivo tornou-se necessário a escolha por um caminho metodológico que oportunize ao sujeito um espaço de reflexão sobre suas próprias histórias de vida. Noutras palavras,

---

<sup>3</sup> Do termo “sulear”, antimônio cunhado para indagar sobre tendências da busca pelo Norte, pelo norrear-se, mesmo estando ao sul da Linha do Equador. Ver em: Campos, 1991; Freire, 1992, p.24, p.218.

precisou-se encontrar um método que desse conta de valorizar a experiência vivida pelo sujeito e os sentidos atribuídos à ela em sua própria formação como indivíduo e como profissional docente. Assim, optou-se por utilizar a pesquisa (auto)biográfica como caminho metodológico para alcançar os objetivos propostos previamente, uma vez que ela “associa estreitamente as pessoas ao processo formativo e as considera como os atores integrais de sua própria formação” (Delory-Momberger, 2014, p. 314).

Nesse sentido, como também colaboram Costella e Menezes (2019, p.87), na pesquisa (auto)biográfica “cada sujeito é analisado como produtor de sua história e é marcado por singularidades”. Também neste mesmo caminho, temos Abrahão (2004, p. 202) que diz que “a pesquisa (auto)biográfica é uma forma de história autoreferente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais”. Notamos com os trechos das autoras que na pesquisa (auto)biográfica o sujeito assume um papel de protagonista da sua própria história de vida por meio do artifício da memória, a qual ele usa para relembrar experiências do passado e ressignificá-las sob o olhar do presente. Diante disso, a memória se revela não apenas como algo atrelado ao passado, mas também algo que habita o presente e ajuda a projetar o futuro.

A pesquisa apresentada possui caráter exploratório e qualitativo, na medida em que busca na própria história de vida do sujeito elementos que contribuíram para sua formação como professor de Geografia. Acredita-se que as narrativas têm o potencial de revelar através do seu relato os sentidos e significados atribuídos pelo sujeito aos acontecimentos que marcaram sua trajetória e o ajudaram a constituir-se como professor de Geografia. Neste ponto, podemos compreender Costella e Menezes (2019, p. 95) ao dizer que “Narrar é formar a si e aos outros”, à medida que ao buscar em sua própria narrativa de vida por elementos que tenham conexão e façam sentido à sua formação profissional, o sujeito ressignifica memórias lhes conferindo novos significados, realizando um movimento dialético consigo mesmo. Ao mesmo tempo, em que o ouvinte ao escutar a narrativa de alguém, reelabora os seus próprios acontecimentos com base no reflexo e na reflexão do sujeito narrador. O ouvinte revive seus próprios acontecimentos, suas próprias experiências, ao passo que o narrador lhe oferece outros pontos de vista a partir da sua narrativa de vida.

Mas afinal, de onde procede tanta potência por parte das narrativas e como são capazes de (auto)formar sujeitos? Christine Delory-Momberger lança belas palavras a esse respeito,

O poder de formação, de formação no ato, reside na narrativa e está em nós por sermos os relatores de nossa própria vida. Pela narrativa transformamos os acontecimentos, as ações e as pessoas de nossa vida em episódios, intrigas e personagens; pela narrativa organizamos os acontecimentos no tempo, construímos relações entre eles, damos um lugar e um significado às situações e experiências que vivemos. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida e que dá uma história à nossa vida. Em outros termos, não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; pelo contrário, temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida (Delory-Momberger, 2011, p. 342).

Devemos frisar que as narrativas são constituídas de palavras e as “palavras são, em minha opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de formar grandes sofrimentos e também de remediá-los”<sup>4</sup>.

Sendo assim, para discorrer sobre a problemática central deste trabalho será adotado o método (auto)biográfico que consiste em analisar as narrativas (auto)biográficas, neste caso, de quatro professores de Geografia, incluindo a do próprio autor. O vínculo que une esses sujeitos são as experiências compartilhadas no espaço do Cursinho Popular do CEUE enquanto foram alunos e/ou professores. A proposta de análise dessas narrativas surge, como já comentado anteriormente, da própria experiência do autor, que foi aluno e depois se tornou professor do cursinho e compreende que sua formação como professor de Geografia perpassa essencialmente por este lugar. De acordo com a proposta da pesquisa cada participante foi convidado a narrar sua história de vida com base em três grandes eixos assim denominados: 1) Eixo da História de Vida: eixo que o entrevistado é convidado a contar um pouco da sua vida, principalmente do período da sua infância e de onde veio; 2) Eixo da Formação Docente: neste eixo o entrevistado é provocado a refletir sobre como se tornou professor de Geografia. Por quais lugares e pessoas essa escolha passou; 3) Eixo do Cursinho Popular do CEUE: este eixo dedica-se exclusivamente ao narrador contar sua história com o cursinho

---

<sup>4</sup> HARRY POTTER e as Relíquias da Morte. Direção: David Yates. Produção de David Heyman. Inglaterra: Warner Bros. Pictures, 2011. DVD.

e é incentivado a pensar sobre as influências que esse lugar tem em sua formação. O objetivo com as entrevistas e com a análise das narrativas é, além de oportunizar um momento de reflexão e (auto)formação do sujeito em relação ao seu próprio processo formativo, considerando experiências de vida dentro e fora dos espaços educativos tradicionais, também investigar os possíveis legados que cada participante traz das suas respectivas experiências no Cursinho Popular do CEUE, buscando aproximá-las de sua formação como professor de Geografia.

### 3 BIOGRAFANDO GEOGRAFIZO E HISTORICIZO MINHA EXISTÊNCIA

*“Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se (Fiori 2022, p. 12)”.*

Antes de dar início ao diálogo entre as narrativas que dão vida a esta pesquisa, deve-se adiantar que a experiência de trabalhar com a pesquisa (auto)biográfica a partir das narrativas de vida mostrou-se extremamente importante para a compreensão e constituição da minha formação como professor de Geografia. Isto porque, de um lado o sujeito reflete sobre a própria trajetória de vida ao narrar a si mesmo e como resultado encontra em sua jornada momentos de inflexão, os quais mostram o caminho que percorreu até chegar à licenciatura em Geografia. Por outro lado, se enriquecem as reflexões sobre o ser/estar/tornar-se professor de Geografia a partir da oportunidade de escuta, e posteriormente de compreensão, das narrativas de vida de outros sujeitos. A pesquisa (auto)biográfica preconiza que o participante assuma o protagonismo de contar/fazer sua própria história, usando como fio condutor sua própria narrativa de vida. Nas linhas que seguem, os sujeitos envolvidos nessa trama são convidados a narrar suas histórias percorrendo o fio da vida desde as pontas da infância, passando aos emaranhados da vida escolar, com vias de alcançar o ponto que os enlaça num único nó, aquele constituído durante a experiência no Cursinho Popular do CEUE.

Cada fio narrado à pesquisa está repleto de vínculos em si e entre si, como elos de uma corrente. Do início ao fim da pesquisa, através das narrativas das histórias de vida, buscou-se pelos vínculos que se unem para desejar a transformação das realidades por meio da educação, sustentados pelo afeto construído entre os sujeitos. Como no poema de Paulo Leminski “Amar é um elo entre o azul e o amarelo”, ou no álbum do rapper Emicida, AmarElo, o amor está por trás dos grandes atos da vida. É como o “esperançar” de Paulo Freire (2022c), em prol de uma educação libertadora que só acontece com diálogo e reciprocidade.



As entrevistas foram previamente agendadas com os participantes da pesquisa e ocorreram no formato *on-line* ou presencial segundo a disponibilidade de cada um. Foi solicitado a permissão para gravar o encontro, com objetivo de armazenar na íntegra as narrativas dos sujeitos, assim facilitando o processo de transcrição e análise. Antes da entrevista começar foi exposto aos entrevistados de que forma se daria a narrativa, ou seja, de maneira livre, partindo do roteiro previamente elaborado em três eixos semi-estruturados: História de Vida, Formação Docente e Cursinho Popular do CEUE. Desta forma, as narrativas transcritas aqui seguem essa estrutura. A compreensão das narrativas se deu de forma articulada com os referenciais teóricos do campo da pesquisa (auto)biográfica e do campo da pesquisa de Ensino de Geografia. Resumidamente, pode-se dizer que há uma carga afetiva e emocional muito forte com o espaço escolar, sobretudo, durante a infância e adolescência. Lugar onde os participantes estabeleceram vínculos com pessoas que mais tarde tornaram-se referência em suas ações e escolhas, na maioria das vezes essas pessoas eram professores(as). Notou-se também o importante papel formativo desempenhado pelos espaços educativos perpassados pelos participantes entrevistados. Além do mais, o sentimento de devolutiva social esteve muito presente nas narrativas, ou seja, o desejo de proporcionar ao outro aquilo que lhe foi proporcionado primeiro.

Sem mais delongas, com a palavra os participantes que conferem vida a este trabalho.

### 3.1 EIXO HISTÓRIA DE VIDA

Neste eixo, os participantes são convidados a apresentar-se, contando um pouco de onde vem. Pediu-se que os mesmos buscassem nas suas memórias as Geografias do seu lugar de infância. Neste mergulho ao passado, UFRGS intenta-se desbravar o contexto socioespacial do lugar de origem daquele participante. Dadas as características da realidade espacial em que cresceu aquele indivíduo, busca-se identificar as influências dos círculos de amizade construídos ali, das brincadeiras naquele lugar e dos contextos socioeconômicos na constituição das suas visões de mundo.

Destarte, as experiências vividas pelos participantes pesquisados durante o período da escola básica, dentro e fora do espaço escolar, também corroboram para o interesse desta pesquisa, uma vez que apontam para questionamentos importantes como: Quais relações o sujeito construiu no e com o espaço escolar? De que forma essas relações contribuíram ou não para que o sujeito desenvolvesse afeto pela escola e pelos professores? Essas também são questões que este eixo busca analisar.

### 3.1.1 Com a palavra, Ricardo

Na manhã de uma quarta-feira ensolarada de final de julho, Ricardo inicia sua apresentação da seguinte maneira:

*“Então, eu sou o Ricardo. Filho da dona Lia. Fui criado com seis irmãos. Sempre estudante da escola pública. Numa realidade bem conturbada, típica de qualquer família brasileira. Num quadro social não de miséria, mas de pobreza assim no geral. De vulnerabilidade nos sentidos mais comuns que existem num país tão desigual como o Brasil. Sempre estudante de escola pública e que conseguiu acessar o Ensino Superior. E que hoje a partir disso me situo como profissional, como professor de Geografia” (Ricardo).*

No trecho em que se apresenta, Ricardo preocupa-se em contextualizar sua realidade socioeconômica e familiar, deixando claro que viveu sob vulnerabilidades e sofreu com algumas conturbações familiares. Logo em seguida, afirma-se como um estudante de escola pública que conseguiu acessar o Ensino Superior, destacando que tal fato o situa enquanto profissional docente. Nota-se que a condição socioeconômica vivida por Ricardo na infância o colocou no caminho da escola pública. Mais tarde, já atuando como professor de Geografia, ele reflete sobre o quanto o seu contexto socioespacial e sua experiência na escola pública o situa como profissional.

Quando perguntado sobre sua infância e o lugar de onde veio, Ricardo responde que cresceu na cidade de Guaíba, na Região Metropolitana de Porto

Alegre. Ele conta que todas suas memórias de infância são desse lugar, de Guaíba. É possível notar um pouco da Geografia do lugar de infância do Ricardo, quando ele comenta:

*“Como (Guaíba) era distante da capital, basicamente todas as brincadeiras, as bandas que eu dava com a gurizada, era na rua, jogando “fut” na praça, sempre fazendo “corre” de rua. Não como hoje, socado em casa com PC e videogame” (Ricardo).*

Ricardo conta que iniciou a vida escolar na escolinha do bairro em que morava em Guaíba, o bairro Jardim dos Lagos: *“Estudei lá na escolinha do bairro a infância inteira. Onde comecei a ter algumas relações com o ambiente escolar, no sentido de ser um porto seguro às vezes pelo contexto social que a minha família sempre teve”*. Nesse excerto fica claro que Ricardo constituiu uma relação de segurança com o espaço escolar como forma de proteção ao contexto conturbado e vulnerável em que vivia. Portanto, esse contexto passa a ser algo que o impele a permanecer na escola e a estudar, para que possa de alguma forma superar as condições materiais insuficientes de sua realidade. Algo que não foi possível aos demais integrantes do seu núcleo familiar, conforme ele explica neste trecho:

*“Sempre fui muito estudioso, segui o exemplo contrário dos meus irmãos. Meus irmãos já trabalhavam, mas não estudavam. A condição social levou eles a trabalhar e deixar de estudar. Eu me vi na obrigação de fazer o contrário. A escola surge como uma referência pra mim” (Ricardo).*

Nesse momento, Ricardo evidencia que a escola torna-se o seu lugar de referência para alcançar melhorias em sua qualidade de vida, um lugar para se viver bem a partir de. Ou seja, um lugar que lhe proporcione ferramentas para transformar sua realidade. Um lugar de esperar-se.

### 3.1.2 Com a palavra, João

João se apresenta fazendo logo uma ressalva. Ele diz que para falar de si é necessário primeiro contar a história dos pais. Ele conta que os pais interromperam os estudos de forma muito precoce, em virtude das necessidades socioeconômicas que os impuseram a iniciar, também muito cedo, a jornada de trabalho. O próprio João explica o porquê deste relato:

*“Acho que é importante contar isso, porque tem muito a ver com a pessoa que eu sou hoje. Por ter escolhido ser professor, de fazer uma faculdade. Isso vem muito da história dos meus pais. Sou de uma família de baixa renda, mas mesmo assim meus pais fazem de tudo para me dar uma condição de poder estudar e poder escolher no que trabalhar. Que foi algo que eles não tiveram. Eles fizeram o que a vida foi deixando pra eles” (João).*

Após o relato fica muito claro que João justifica seu desejo por entrar numa universidade através da história de luta dos pais para lhe oportunizar aquilo que eles próprios não tiveram: boas condições de estudo e oportunidade de escolher uma profissão. Nesse sentido, percebe-se a conexão entre o desejo dos pais de proporcionar uma vida melhor aos filhos, com o desejo dos próprios filhos de buscar por melhores condições socioeconômicas que os pais não tiveram. O que demonstra, por sua vez, a importância do apoio familiar nos horizontes de vida dos jovens estudantes.

Ao tocarmos nas memórias sobre a vida escolar do João, é possível perceber que o espaço escolar ganhou relevância à medida que proporcionou a ele um lugar, cujas condições socioespaciais eram melhores do que as do bairro onde nasceu, conforme mostra o trecho: *“Quando eu era criança não entendia bem o porquê de gostar tanto daquela escola e daquele bairro, hoje eu entendo que era porque lá eu encontrava coisas que não tinham no meu bairro e no lugar onde eu morava”*. Assim, a escola se tornou para o João um lugar de acolhimento e de certo prazer que advinha da permanência naquele espaço e que refletiu no seu rendimento como estudante, conforme assinalado nesse excerto: *“Essa foi uma época que eu tive notas muito boas, acabei até ganhando algumas medalhas. Nas férias eu ficava*

*triste de ficar longe da escola*". Percebe-se claramente a dimensão afetiva que se construiu entre a escola e o João, fato que segundo ele próprio mudou sua perspectiva de vida:

*"Comparando a minha trajetória com a dos meus outros amigos do bairro, eu vejo que por ter conseguido fazer o ensino fundamental nessa escola mudou completamente minha trajetória e a minha perspectiva de vida, tudo que eu almejava" (João).*

Nesse sentido, através da narrativa do João, demonstra-se o quanto experiências boas com boas escolas promovem a abertura dos horizontes de jovens estudantes. Ampliam suas perspectivas de vida e podem lhes proporcionar a transformação das suas realidades no futuro.

### **3.1.3 Com a palavra, Artur**

A entrevista com o Artur aconteceu em sua casa, no bairro Ipanema, zona sul de Porto Alegre, numa terça-feira à tarde de bastante sol. Sentamos-nos um de frente para o outro no terraço de sua casa. Apresentei a ele o roteiro que guia a narrativa e aceitando que a entrevista fosse gravada, demos início ao diálogo.

Artur se apresentou dizendo que nasceu em Porto Alegre, na Rua São Manoel. Uma rua de pedra, segundo ele mesmo conta. Dessa rua vieram algumas influências como a música e a vulnerabilidade social do entorno, que mais tarde contribuíram para a visão de mundo do Artur e também para escolha pela licenciatura. No trecho a seguir retirado da sua narrativa, ele descreve com detalhes essas vivências ocorridas na São Manoel:

*"Eu nasci em Porto Alegre, na Rua São Manoel, aquela rua de pedra. Na São Manoel eu tinha um grupo de amigos mais velhos que tinham um grupo de pagode. Isso certamente me influenciou por ter contato com a música. Também tinha grandes amigos que viviam numa situação de vulnerabilidade extrema. Moravam na beira do arroio dilúvio. Eram muito*

*meus amigos, lembro de ser pequenininho e atravessando o arroio pelo cano<sup>5</sup>. Esse contexto moldou minha visão social que mais tarde refletiu na minha carreira de professor. Porque todo professor acho que tem a vontade de contribuir com a sociedade” (Artur).*

Ao fim do trecho, Artur expressa de forma sutil aquilo que ele pensa ser a vontade de um professor, a saber: contribuir para uma sociedade melhor. Isto porque, conviveu com realidades duras e difíceis, vivenciadas por pessoas dos seus círculos de amizade, cujos vínculos eram de extrema afetividade. Querer o melhor para os seus amigos que viviam um contexto de extrema vulnerabilidade social, aproximou o Artur de uma concepção mais humana a respeito da profissão de professor segundo o que se pode perceber em seus relatos.

Quando a narrativa atinge as memórias da vida escolar, Artur reforça algo que já havia dito bem no início da sua entrevista. Sua infância e adolescência estão estreitamente relacionadas à vida escolar, porque *“eu ficava muito tempo na escola durante a minha vida escolar. Meu principal núcleo de amigos era da escola”*. Esse longo tempo de permanência na escola fez com que o Artur criasse vínculos de afetividade e pertencimento ao espaço escolar, de forma que assim sentia-se bem dentro da escola. Em especial no Instituto de Educação Flores da Cunha, onde *“eu formei meu caráter, onde me constituí como uma liderança no esporte, na política estudantil”*. Acrescenta-se a isso o fato de que na escola *“surgiram momentos em que algumas pessoas me disseram que eu seria um bom professor, principalmente em momentos ligados ao futebol”*. Artur explica que durante a escola básica, sobretudo no ensino médio, viveu momentos relacionados com o esporte, em especial o futebol, em que auxiliou o time de futebol feminino do colégio nos treinamentos. A partir disso, recebeu elogios e observações de que poderia ser um bom professor, pois ensinou bem as técnicas de futebol ao time. Refletindo, Artur pausa e complementa: *“acho que isso ajuda a explicar o porquê de ter virado professor”*.

---

<sup>5</sup> Para que o(a) leitor(a) compreenda o que foi escrito, o arroio dilúvio é um pequeno rio que corta a cidade de Porto Alegre. Algumas tubulações que conduzem a água do abastecimento urbano atravessam o arroio de uma margem à outra, formando uma espécie de “ponte”. É dessas tubulações, ou “canos” que o Artur se refere na narrativa.

### 3.1.4 Com a palavra, o autor

Após escutar a narrativa dos participantes entrevistados, foi possível identificar pontos em comum entre as histórias de vida. Alguns desses pontos ganham significados muito parecidos para cada participante. Como por exemplo, no caso do autor, também o contexto socioeconômico e socioespacial contribuiu para formar sua visão de mundo, ao passo que ao apresentar-se ele conta de onde vem da seguinte maneira:

*“Nasci e cresci no bairro Sarandi, zona norte de Porto Alegre. Mais precisamente na Vila Santo Agostinho, que tem esse nome por causa do arroio que passa na sua divisa. As ruas da vila são feitas de pedra, daquelas de paralelepípedo, as casas são bem humildes e as pessoas bem simples” (Rafael).*

Também está presente na narrativa do autor o apoio familiar como forma de encorajamento aos estudos e à obtenção de melhores empregos no futuro, conforme sugere o trecho a seguir:

*“Lembro da minha mãe chegando do trabalho no fim da tarde, carregando sacolas de mercado pelo beco da vila. Ela, por sinal, sempre me disse que deveria estudar para que pudesse ter um emprego melhor do que o dela e para que pudesse escolher um lugar melhor para morar” (Rafael).*

No que se refere às experiências vividas no espaço escolar durante a escola básica, o autor destaca os momentos de convivência com os colegas:

*“Lembro-me muito dos momentos de convívio com os colegas da escola. Principalmente das viagens de ônibus do Sarandi até o bairro Navegantes, onde a escola ficava. Atravessávamos a zona norte na maior*

*zueira dentro do bus. Os cobradores nos viam na parada e já começavam a “xiar”<sup>6</sup> com a gente” (Rafael).*

Percebe-se que ao relatar suas vivências de escola o autor dá ênfase às memórias vividas fora do espaço da escola: “*A gente matava muita aula também. Não era por mal, mas não nos sentíamos conectados ao espaço da escola. Então, saíamos muitas vezes pra jogar sinuca nos bares da redondeza*”. Neste ponto, nota-se algumas dessemelhanças entre os vínculos criados pelos sujeitos e seus espaços escolares.

### 3.2 EIXO FORMAÇÃO DOCENTE

Os participantes foram provocados a refletir sobre sua formação enquanto professores de Geografia, especialmente sobre dois aspectos: a respeito do momento em que escolheram a licenciatura e sobre quando decidiram que seria na Geografia. De certa forma, todos os entrevistados ao tentar responder à pergunta “quando você escolheu fazer licenciatura?”, realizaram um movimento de retomada das relações de afeto e de pertencimento construídas no espaço escolar. Ricardo aponta que nunca parou para refletir de forma geral sobre sua elaboração como professor, mas conscientemente atribui aos seus professores da educação básica o estabelecimento de uma referência profissional, conforme fica destacado no trecho a seguir: “*Lembro que cada um teve a sua contribuição no sentido de semear a docência em mim. De criar essa relação de referência. Enfim, cada um teve uma contribuição nessa história*”.

Já João, destaca que além do incentivo dos pais em cursar uma faculdade, quando estava na escola desenvolveu um olhar crítico sobre as práticas dos seus professores, e na medida em que refletia sobre como ele próprio ensinaria determinada matéria, aproximou-se da profissão enquanto imaginando-se no lugar dos seus professores:

---

<sup>6</sup> Aqui usa-se “xiar” com x em alusão ao ato de reclamar, de resmungar, por parte dos cobradores de ônibus quando percebiam que a galera da Vila Santo Agostinho ia subir no ônibus e começar sua folia.



*“Eu sempre conto que um dos motivos que me fez ser professor é porque durante essa época que eu gostava de ir pra escola, eu já ficava analisando os professores. Analisava as provas que eles passavam, ficava me imaginando no lugar do professor, pensando em como daria aquela aula, como aplicaria uma atividade” (João).*

O professor Artur possui uma história semelhante ao que narra João quando trata-se das referências que surgiram no espaço escolar. No entanto, Artur ressalva logo de início: *“Os professores que eu tive, não só não me influenciam a ser professor, como eram exemplos a não seguir”*. No caso do Artur, também um olhar crítico lançado aos seus professores e suas práticas o guiaram para criar as suas próprias referências pedagógicas e metodológicas. Ele finaliza dizendo: *“Eu me tornei professor para fazer diferente”*.

Já no caso do autor, como ele mesmo relembra ao iniciar seu relato sobre suas referências profissionais:

*“Durante a educação básica não tive nenhum professor que eu pudesse dizer que foi uma grande referência, ou que me despertou o olhar para a docência. Isso foi acontecer mesmo quando cursava o Técnico em Edificações na Escola Técnica Estadual Parobé” (Rafael).*

A partir deste trecho da narrativa do autor sugere-se que não apenas a escola básica, mas outros espaços formativos podem surgir como referências que inspiram à docência. No caso do autor suas referências surgiram enquanto fazia o curso técnico, quando conheceu professores que lhe chamaram a atenção primeiro pelo estilo com que desempenhavam a função, conforme ele relata neste trecho em referência a um professor do curso técnico:

*“Em segundo lugar pelo estilo que ele tinha como professor. Irreverente, assobiava como se sua boca fosse um trompete que ressoava pela sala enquanto ele desenhava uma das suas obras no quadro. A postura que ele tinha com todos, às vezes sério, às vezes engraçado. Sempre*

*disposto a pegar tua lapiseira e te mostrar pontos no teu desenho que tu tinha passado horas procurando sem sucesso. Disso, eu acho que levei pro inconsciente a admiração pela pessoa professor, aquele que ensina” (Rafael).*

Outro ponto trazido pelo relato do autor diz respeito ao momento em que a Universidade Federal do Rio Grande do Sul entra em seu horizonte de oportunidades graças aos conselhos de um professor do curso técnico. Após relatar que apresentou um trabalho durante uma das aulas da disciplina desse professor, ele o chamou no corredor e o diálogo que segue aconteceu:

*“O Diego que ao fim da aula me chamou num canto e perguntou: “tu vai fazer o que depois do Parobé?”. Meio sem entender, respondi: “Não sei, sor”. Sem pestanejar ele acrescentou “tu não pode terminar aqui, tem que ir pra UFRGS. Tu é aluno da UFRGS”. Aquilo entrou num vazio enorme que eu tinha e nem sabia. Eu estudava, estudava e estudava, mas pra que??? Qual era o objetivo final? Ter um emprego melhor, como dizia minha mãe? Claro, também. Mas o que mais? Fazer uma faculdade? Provavelmente sim, afinal parece que só assim que conseguimos um emprego um pouco mais digno nesse país. Mas sinceramente, ali naquele momento eu jamais tinha pensado em qual faculdade eu iria tentar entrar. Só sabia de uma coisa, moleques como eu que vem das periferias não tem condições de pagar por faculdades caras. Ah, existe uma que é gratuita? Pois eu não sabia, nunca haviam me dito isso. Quem me disse isso, foi o Diego naquela terça-feira à noite, no corredor, depois da aula. Portanto, acho que posso dizer que se hoje estou escrevendo o trabalho de conclusão de um curso na faculdade, na UFRGS, é porque naquele dia o Diego me sonhou na universidade. Me sonhou na UFRGS, onde nem mesmo eu podia me sonhar. Desse ponto em diante eu tinha um foco pra toda aquela minha energia: chegar na UFRGS” (Rafael).*

Até então, o autor revela que não havia perspectivas de acessar o Ensino Superior através da Universidade Federal. Era algo inatingível para ele, visto que nunca houve incentivos e nem mesmo informações a respeito da universidade, como formas de acesso e permanência. Foi apenas a partir das palavras de um professor que a UFRGS passou a ser uma opção, um caminho possível para chegar ao Ensino Superior. Somente a partir daí o autor muda seu pensamento em relação à UFRGS e a coloca como lugar a se pertencer. Trata-se, portanto, do que Josso (2014) denomina de “momento-charneira”. Também se observa com esse relato a

potência que tem as palavras de um professor bem-intencionado e preocupado com o futuro dos seus estudantes. A partir de experiências positivas como essas com professores do curso técnico, o autor revela que passou a admirar a profissão docente e sentir-se vinculado a ela de alguma forma. A partir deste relato podemos entender aquilo que diz Kaercher “o educador não pode tudo. Pode pouco, mas este pouco não é nada desprezível” (Kaercher, 2014, p.48).

### 3.3 EIXO CURSINHO POPULAR DO CEUE

O Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE foi escolhido como eixo de análise das narrativas em virtude das experiências vivenciadas pelos participantes que aqui narram suas vidas, ao compreenderem que esse espaço contribuiu de forma significativa em suas escolhas pela licenciatura e pela Geografia. Ao longo do percurso formativo do sujeito as experiências vividas na escola básica e noutros espaços formativos vão adquirindo sentidos diversos a partir do que é vivido, sentido e construído naquele espaço, de tal forma que passa a fazer parte da formação profissional daquele sujeito. Corroborar com esta ideia o que diz Costella e Menezes: “Constituir-se professor/a apresenta uma dimensão espaço-temporal, tendo em vista que ocorre ao longo de uma caminhada que perpassa por diferentes espaços formativos” (Costella e Menezes, 2019, p.85). Desta forma, parte-se do princípio de que os diferentes espaços vividos são também formativos, à medida que inserem marcas na constituição da identidade profissional do sujeito.

Localizado no Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE foi criado em 1955 pelo Centro de Estudantes Universitários de Engenharia (CEUE) da UFRGS, com o objetivo de oferecer aulas de reforço escolar das matérias de matemática, física e química para os estudantes da graduação. Posteriormente, o cursinho expandiu sua atuação para todas as disciplinas exigidas no processo do vestibular da UFRGS, consolidando-se como um cursinho de cunho popular em virtude do foco no grupo de estudantes de baixa renda.

A proposta deste eixo é orientar as narrativas na direção dos entrelaçamentos que existem entre o espaço do Cursinho Popular do CEUE e a formação do professor de Geografia, tema em foco deste trabalho. Portanto, foram propostos questionamentos que apontam nessa direção, como: “Qual é a sua história com o CEUE?”, “Quais influências do CEUE tu traz na tua forma de ser professor?”. Projetou-se que os sujeitos narrassem memórias com o espaço do Cursinho Popular do CEUE que fossem capazes de expressar os vínculos construídos durante as experiências nesse lugar e apontar as possíveis conexões existentes entre o cursinho e a escolha pela docência em Geografia.

O motivo que levou Ricardo, João e o autor a ingressarem como alunos no Cursinho Popular do CEUE é coincidente: encontrar um espaço de preparação para o vestibular da UFRGS que atendesse o público de baixa renda. Os sujeitos relataram que suas condições socioeconômicas os impossibilitavam de pagar por pré-vestibulares privados, no entanto reconheciam a necessidade de um melhor preparo para as provas. Desta forma, por caminhos diferentes chegaram ao mesmo lugar. É engraçado notar que para o Ricardo e para o autor o CEUE apresentou-se da mesma forma, conforme Ricardo traz em seu relato:

*“Aí entra o CEUE na minha vida, pra estudar para o vestibular. Muito na perspectiva de ser gratuito e por ter algumas referências. Lembro até hoje, entrei no Facebook do CEUE e o primeiro vídeo que tinha era de um magrão cabeludinho, no “chocolatão” de Tramandaí, falando assim “Ô MEU, tu aí! Que quer entrar na UFRGS. Tu conhece o CEUE? Tá aberto o edital de seleção” Enfim, aquilo me deu uma vibe muito boa do que seria o CEUE” (Ricardo).*

O “magrão cabeludinho” ao qual se refere Ricardo é Artur, professor de Geografia do cursinho naquele ano (2017). O mesmo Artur que também narra sua história nesta pesquisa. No trecho narrado em comum por Ricardo e pelo autor, fica claro o sentimento que o Artur despertou nos alunos enquanto os chamava de dentro do mar de Tramandaí para entrarem no pré-vestibular, um sentimento de proximidade, de companheirismo e acima de tudo de alegria! Ou de *GeoAlegria* como ele mesmo diria numa de suas aulas.

No caso dele, do professor Artur, o CEUE surge como oportunidade de um espaço de trabalho popular, conforme coloca neste trecho da sua narrativa:

*“O professor amigo meu, dava aula no CEUE e me ofereceu a oportunidade de trabalhar no cursinho. Gostei da ideia e fui pro CEUE. Muito pelo fato de ser um Cursinho Popular e de oportunizar para mais pessoas uma oportunidade de estudar num pré-vestibular de graça” (Artur).*

O que esse fragmento da narrativa do professor Artur revela é algo que perpassa todas as outras narrativas, é um sentimento de devolutiva social em relação à sua profissão como professor. É a forma com que os sujeitos concebem e elaboram sua identidade como docentes, que está profundamente ligada com cumprir uma função social para com a sociedade. Enquanto fala sobre a sua experiência de trabalho no cursinho do CEUE, o Artur expressa esse sentimento de forma bem clara quando coloca que: *“Trabalhar no CEUE era uma oportunidade de dar um retorno. Assim como eu recebi uma oportunidade, eu poderia oportunizar através do meu serviço que mais pessoas da escola pública pudessem entrar na universidade pública, gratuita e de qualidade”*. Percebe-se o quanto a identidade do ser/estar/tornar-se professor coincide, nesse caso, com a luta pela educação pública e por oportunizar à população de baixa renda o acesso aos espaços de excelência em educação, como a Universidade Federal.

Em outro trecho da sua narrativa, Artur reforça o quanto as relações que teve com a escola pública onde estudou o inspiraram e o engajaram na defesa dessas instituições de educação. Além disso, esses vínculos com a educação pública acabaram por influenciá-lo a buscar profissionalmente por espaços educativos que tivessem como objetivo a oportunidade de jovens de escola pública acessarem à universidade pública, gratuita e de qualidade: *“Tudo isso me fez professor, professor simpatizante e defensor da educação pública. E me fez também em algum momento ir parar num curso pré-vestibular popular”*.

Quando Ricardo é provocado a falar um pouco sobre o porquê de ter escolhido a profissão de professor, suas palavras expressam o forte sentimento que existe entre educador e educando quando a proposta de educação é libertadora.

Quando o professor almeja o crescimento pessoal do estudante, não apenas do ponto de vista salarial, mas também, e principalmente, do ponto de vista humano:

*“E por que eu faço isso? Porque eu quero que esses caras tenham essa experiência e acessem o Ensino Superior. Cresçam! Não profissionalmente, porque nenhum curso promete que tu vá ficar rico, isso pode ser uma consequência. Apesar de que, muitas vezes, o que estimula a gurizada é isso, promessa de uma base salarial mais alta. Felizmente temos esse chamariz, mas não é por isso que eu faço o que eu faço, que eu doou uma noite minha para eles e elas. Eu quero que eles ganhem dinheiro, mas eu também quero que eles tenham a oportunidade de um crescimento pessoal, de conhecimento, de ação na realidade deles, tal qual eu tenho hoje na minha” (Ricardo).*

Nesse sentido, compreende-se o que Paulo Freire denomina de Educação Libertadora, no sentido de que a educação deve servir como meio para que os sujeitos superem suas condições materiais, sociais, econômicas e alcancem lugares de prestígio, de excelência e de qualidade em termos de educação, moradia, lazer e etc. Ao fim, Ricardo comenta que esse querer, esse desejo pelo crescimento pessoal do estudante o faz *“compreender o que eu faço e porque eu faço. É ter a crença no que tu faz”*.

A análise das narrativas (auto)biográficas, sobretudo, no eixo que ora se analisa, demonstra uma dimensão afetivo-emocional que engloba a escolha e o reconhecimento pela profissão docente por parte dos participantes da pesquisa. Mesmo dispostos a refletir sobre o seu processo de formação e conseqüentemente o porquê da escolha pela licenciatura, os participantes admitem que é complexo encontrar a resposta para perguntas como essa, conforme João expressa nesse excerto: *“Acho que isso é algo até difícil de explicar, pois é algo que tu sente. Tem um sentimento em relação àquilo. Muitas das escolhas que a gente faz na vida são em relação ao nosso sentimento, nem tudo é tão racional assim”*. Nota-se que esse sentimento de retribuição do que foi oportunizado aos sujeitos através da educação tem forte ligação com o reconhecimento que eles atribuem à docência, também atrelado a isso o que já foi evidenciado antes, o desejo de cumprir uma função social perante a sociedade, assim como afirma João quando fala sobre a escolha pela profissão: *“E pensando em que profissão eu poderia fazer que vai encher meu*

*coração, que vou sentir que estou cumprindo um papel na sociedade, que é importante e que vou poder ajudar alguém a percorrer o mesmo caminho que eu, surge a licenciatura”.*

Percebe-se o quanto esse momento dedicado ao Eixo 3, da experiência no cursinho, trouxe à tona os sentimentos e os desejos dos entrevistados em relação à escolha pela profissão de professor. Os momentos narrados estão marcados por significados que são muitas vezes subjetivos de cada um dos sujeitos, mas que de alguma forma se encontram num único desejo, o de docenciar como forma de existir. O eixo ora analisado mostra-se como o momento em que os sujeitos tomam consciência de que a licenciatura para eles significa dar um retorno social à população, devolver o investimento feito através da universidade pública, proporcionando acesso para os que vêm de baixo poderem sonhar seus sonhos.

Na segunda parte do Eixo 3, destinada a investigar as possíveis influências do Cursinho Popular do CEUE na trajetória dos sujeitos, seja na formação enquanto professor, na escolha pela licenciatura em Geografia, ou na própria forma de ver o mundo, os entrevistados levantaram muitos pontos que podem ser agrupados em dois grandes grupos: as influências por parte dos professores do cursinho e a influência do local sede do cursinho, a própria UFRGS. Ao falar sobre as influências do CEUE, João demonstra que os professores do cursinho desempenharam um papel muito além daquilo que preconiza o currículo, ou o projeto político pedagógico do cursinho:

*“Para gente que vem da periferia, o acesso ao Ensino Superior acaba sendo um sonho. O papel daqueles professores ali é não somente passar uma matéria e te ensinar algo, mas te ajudar e ser importante numa etapa da tua vida que é muito importante. No caso do CEUE, pelos professores serem na maioria alunos da UFRGS, eles nos tranquilizavam, aconselhavam em relação a tudo aquilo que iríamos encarar quando entrássemos na universidade” (João).*

Tal constatação não se esgota no relato feito pelo João, mas extravasa para narrativa do autor ao falar sobre a experiência no cursinho:

*“Durante aquele ano (2017), muita coisa mudou na minha vida. Fiz inúmeras rupturas de pensamento, sobretudo com relação à política. O contato com os professores do CEUE me proporcionou novas formas de pensar e também de sentir o mundo. Hoje, quando paro para refletir sobre essa experiência, percebo que muito mais do que me preparar para o vestibular, o CEUE me formou enquanto cidadão. No sentido de que me deu ferramentas para lutar politicamente pelas transformações que eu acredito que são necessárias na nossa sociedade” (Rafael).*

Os dois relatos apresentados explicitam a dimensão formativa do Cursinho Popular do CEUE para além da mera preparação para as provas de vestibular. Revelam que o cursinho atua também na formação cidadã dos estudantes, caráter fundamental da educação popular que visa educar para transformar a realidade social e espacial dos sujeitos. Desta forma, pelas experiências aqui relatadas fica claro o vínculo do Cursinho Popular do CEUE com a educação popular e o seu caráter transformador na vida dos estudantes.

Além disso, os participantes contaram em suas narrativas o quanto os professores do cursinho foram fundamentais não apenas para sua decisão de fazer licenciatura, mas também de cursar Geografia. Nesse ponto, surge com força o nome do professor Artur como alguém que se torna a referência desses estudantes em termos de profissão, conforme sugerem os trechos a seguir.

Começando com o relato do autor a respeito da primeira impressão que teve do professor Geografia:

*“Logo no primeiro encontro ao entrar na sala tamborilando o que me pareceu notas de um samba em seu caderno feito de pandeiro, eu já percebi algo diferente naquele cara. A energia que ele tinha eu jamais tinha presenciado antes noutro professor. Além disso, o sujeito carregava um chimarrão debaixo do braço e vestia uma camiseta vermelha em que se podia ler "Turucutá". Intrigado, eu fixei meus olhos nele e por uma hora e meia os mantive ali, durante toda a aula de Geografia. Entre mapas, piadas e risadas, o tempo fez questão de se apressar e logo o fim da aula naquela terça-feira à noite chegou e ainda aproveitei uma carona oferecida por ele até o centro da cidade onde apanharia o ônibus e durante aproximadamente cinquenta minutos - o tempo que leva o trajeto do cursinho até a minha casa - eu regava com pensamentos a semente que o Artur, professor de Geografia do CEUE-PV, plantou em mim naquela noite” (Rafael).*



Outro relato trazido pelo Ricardo num momento de dúvidas sobre os caminhos que deveria seguir em relação ao curso na universidade, ajuda a pensar as influências do Artur nas escolhas desses sujeitos:

*“Comecei a trabalhar na hipótese de fazer Geografia durante o ano, conforme ia estudando. Fui firmando isso comigo e foi no CEUE que eu cravei que seria Geografia. Foi durante o CEUE, sem dúvida, inclusive conversando com o Artur. Lembro certinho, eu cheguei pra ele “Bah, ô sor. Seguinte, eu to tri dividido entre o que fazer”. E eu não lembro porque fui no Artur, nós não tínhamos um diálogo em aula. Mas talvez eu tenha ido até ele pra tirar essas dúvidas que eu tinha naquele momento porque rolou uma identificação com o que ele fazia em aula. E nessa conversa ele não me direcionou, eu me direcionei. Pensei “bah na real esse cara é uma referência e se pá eu gostaria de ser como ele de repente””(Ricardo).*

João explica em sua narrativa o reconhecimento de que o professor Artur desempenhou papel importante em sua escolha pela licenciatura em Geografia, pois a forma com que ele passou a ver a Geografia pela perspectiva do Artur tinha sido diferente de tudo o que ele já havia visto. Logo, a influência do Artur na construção geográfica do João é notável pela forma com que ele passa a conceber a sua Geografia a partir da Geografia do Artur. No fim do relato João deixa claro nesse trecho o quanto se inspirou em seu professor de Geografia: *“Lembro que ele sempre dizia que era muito feliz na profissão dele, que feliz era quem trabalhava com que gostava. E eu estava sendo feliz nas aulas dele, então pensei “poxa, eu também quero ser feliz trabalhando”*”.

Desta maneira, por ter sua presença marcada em todas as narrativas, tem-se que a figura do professor Artur assumiu papel de referência para os estudantes, na medida em que produziu, através de suas práticas, um sentimento forte de identificação no e com os estudantes. Como resultado, os alunos sentiram-se à vontade para compartilhar anseios e dificuldades enquanto pré-vestibulandos. Esse vínculo criado entre professor e aluno corroborou para construção de uma admiração por ele, Artur ser humano, e também pela sua profissão, a docência.

Quando perguntado ao Artur quais práticas ele trazia em suas aulas que pudessem ter despertado tamanha identificação consigo, ele coloca que a identificação foi mútua, no sentido que:

*“No CEUE eu encontrei um público que se identificava com a minha linguagem e que, portanto, se identificava com os meus exemplos em sala de aula, muito pelo fato de ser um público que veio de escola pública, assim como eu. Então, o que eu trago de exemplo, o que acho que enriquece a aula, para ilustrar conteúdos envolvendo essas reflexões sobre as nossas relações com o espaço, funcionam muito melhor no CEUE, na educação pública num geral. Porque ali tinha um público que frequentou lugares parecidos com os que eu frequentava. Então, o CEUE foi o espaço que eu encontrei para ser eu mesmo.” (Artur).*

Percebe-se, portanto, que enquanto espaço educativo o CEUE permite aos professores a autonomia de ser quem são, como coloca o Artur. Tal liberdade nas práticas docentes acaba permitindo que o professor enriqueça suas aulas com suas referências pessoais, pois de acordo com Tardif, “em seu trabalho, um professor se serve de sua cultura pessoal, que provém de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior” (Tardif, 2000, p.14).

O que é mais geográfico do que analisar o espaço? Pois para compreender as influências deixadas pelo Cursinho Popular do CEUE nos professores que constituem essa pesquisa, tornou-se apropriado transformar o espaço, nesse caso o do cursinho, em categoria de análise. Tal movimento mostrou-se oportuno visto que a dimensão espacial do cursinho apareceu com grande ênfase nas narrativas, atrelado às relações de pertencimento e de afetividade com a universidade. É necessário explicar que a dimensão espacial do cursinho compreende o local onde as aulas aconteceram naquele ano, a saber, o campus central da UFRGS, mais precisamente no prédio do anexo III da reitoria. Nesse sentido, as narrativas indicam as relações que foram estabelecidas ao longo do cursinho com o campus central da UFRGS. Muitas dessas relações estão carregadas de afeto e de subjetividade, como observamos na narrativa do Ricardo:

*“A relação que eu criei de pertencer a UFRGS, a instituição, vem do tempo em que eu fui aluno do CEUE. Uma das coisas que eu mais me lembro, era do intervalo. Às vezes eu nem tinha dinheiro pra comprar o café ou o lanche, mas eu descia lá pra sentar e olhar o movimento. Ver a galera entrando e saindo, sentir o entorno. O anexo III com certeza foi o primeiro espaço que eu criei afetividade. Que torna lugar, analisando com olhos geográficos” (Ricardo).*

Ricardo afirma em seu relato que transformou a UFRGS num lugar, ou seja, atribuiu a ela sentidos e significados de afeto, a partir do prédio onde tinha suas aulas do cursinho. Muito antes de se tornar um aluno matriculado do curso de licenciatura em Geografia. Assim pode-se dizer que Ricardo elaborou suas relações de pertencimento à universidade durante sua rotina como estudante do pré-vestibular do CEUE. Em sua narrativa João corrobora com a visão de Ricardo sobre a relação de pertencimento gerada pelo espaço da universidade a partir da rotina do cursinho:

*“Acho que o fato de tu estar ali dentro no ambiente da universidade, faz com que tu já se enxergue ali. Então, vamos dizer assim, que antes de eu ser um aluno da UFRGS, a UFRGS já fazia parte da minha rotina. Saía do meu estágio com a minha mochila, ia pra lá de noite, tomava meu café no Antônio, conversava com alunos da UFRGS, que eram meus professores, ocupava uma sala de aula da UFRGS. Então, eu já me sentia parte daquilo. Achava que era só uma questão de tempo mesmo” (João).*

De uma forma poética o autor através da sua narrativa expressa o sentimento de participar da rotina do campus central, por conseguinte da rotina dos estudantes, professores e funcionários da UFRGS. Também fica claro em suas palavras o quanto essa relação de pertencimento ao lugar foi preponderantemente para que não desistisse de fazer o cursinho.

*“Em falar de lugar existe um banco de pedras retangulares de basalto unidas por grossa camada de cimento, cujo desenho é um tanto orgânico, com curvas que não necessariamente materializam uma forma conhecida. A materialidade não importa tanto, na verdade o que importa é o ponto de vista. Sentado nesse banco por alguns minutos se pode perceber o*

*trânsito do campus central da UFRGS, de quem entra pelos portões que fazem limite com a Rua Sarmiento Leite e percorre o caminho até a Faculdade de Educação, ou ao bar do Antônio. Em um minuto conto dezenas de pessoas, estudantes, professores, funcionários e pessoas não vinculadas com a universidade que por ali passam apenas para cortar caminho. O fato é que há 6 anos atrás, quando me sentei pela primeira vez nesse banco eu forçava minha mente imaginando-me fazer parte daquele movimento de estudantes que por ali desfilavam entre um cruzo e outro dos seus afazeres acadêmicos. Sem dúvida a força desses pensamentos era amplificada pelo fato de estar naquele espaço. Embora eu não fosse um estudante da UFRGS, eu estava ali no mesmo espaço que tantos deles e delas e isso alimentava ainda mais a vontade de pertencer àquele espaço algum dia. Eu estava presenciando a força do lugar. Estar num determinado lugar nos vincula a ele de muitas formas. Cria vínculos potentes que podem mudar o jogo de forças dentro de nós. Se em algum momento desistir de tudo passasse na minha cabeça, o simples fato de estar naquele lugar poderia me recolocar no jogo novamente. Que jogo? A incrível batalha de quem busca uma vaga no Ensino Superior numa das melhores instituições federais do país” (Rafael).*

Com base no relato dos três participantes e suas percepções acerca da dimensão espacial do Cursinho Popular do CEUE, fica demonstrado que o fato das aulas do cursinho serem ofertadas dentro do próprio campus da UFRGS aproximam os estudantes do espaço universitário, oportunizando a eles a construção de relações de afeto e pertencimento para com a universidade mesmo antes de se tornarem alunos em caráter formal. Tuan (2012) denomina essa conexão afetiva das pessoas com o espaço a partir do conceito de *Topofilia*, segundo ele tal conceito “é útil quando pode ser definido em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (Tuan, 2012, p. 135-136). Em outras palavras, de uma forma geográfica, as aulas do cursinho do CEUE sediadas no campus central permitiram que os estudantes tornassem a universidade um *Lugar* a partir da sua presença naquele espaço e dos vínculos criados a partir dela.

Durante o momento final da entrevista com o professor Artur, mediada por longa prosa agradável e descontraída, achou-se conveniente fazer uma última provocação à sua história de vida. Pediu-se que ele respondesse a essa última pergunta de forma objetiva e direta, mesmo entendendo o desafio que seria, tendo em vista o caráter existencial da pergunta: “Artur, pra ti O QUE É EDUCAR?”. Depois de pensar por alguns segundos, inicia sua resposta dizendo que “*Eu não sinto que*

*eu eduque, mas sinto que eu tento criar o ambiente adequado para que o aluno se eduque*". Percebe-se com isso que o professor encara o ato de educar a partir de uma relação mais horizontalmente distribuída, em que o seu foco não está em transmitir o conhecimento, mas sim em criar as condições para que o estudante elabore o seu próprio conhecimento. Para que essa troca seja possível, Artur enxerga que é preciso *"despertar no aluno o interesse por crescer, por crescer intelectualmente, por ascender socialmente, por ver e interpretar o mundo de uma forma mais sábia"*. Nesse ponto, pergunta-se como engajar os estudantes no interesse pelo estudo, pelo conhecimento e por crescer na vida? Ou melhor, como construir um ambiente em que todos esses interesses possam brotar do próprio estudante, enquanto agente que busca a transformação da sua própria história? Artur acredita que seja através da criação de vínculo entre professor e estudantes:

*"O vínculo é o primeiro passo, porque a partir do momento que há vínculo o aluno já não está mais desgostoso com a minha presença naquele ambiente. Ele já está aberto a me ouvir, comprar as minhas ideias de construir juntos o que vamos aprender"* (Artur).

Baseado nessa ideia de vínculo exposta pelo Artur, pode-se fazer algumas aproximações entre a maneira do Artur de dar aulas de Geografia com a identificação e atribuição da figura de referência dada pelos outros participantes a ele, enquanto foram seus alunos no Cursinho Popular do CEUE. De outra forma, ao estabelecer que educar é principalmente criar vínculos, Artur permitiu que em suas aulas do cursinho os estudantes pudessem se sentir próximos a ele, podendo ser acolhidos na partilha das dúvidas e momentos difíceis de suas vidas pessoais. Artur finaliza sua entrevista dizendo que:

*"Educar pra mim é sobre estabelecer vínculo. Porque eu não consigo criar um ambiente propício para a aprendizagem sem que eu me vincule aos alunos e eles se vinculem a mim. E esse vínculo só ocorre se tiver uma aproximação, empatia, acolhimento, o estabelecimento do vínculo"* (Artur).

Tendo em vista o enriquecedor diálogo que surgiu a partir da provocação sobre o que é educar, achou-se oportuno que a essa mesma pergunta fosse feita aos demais entrevistados. O que resultou em belíssimos trechos narrados com muito afeto e desejo pela docência que aqui seguem. Ricardo destaca de forma bem objetiva a autonomia que busca criar no e com o estudante, pois pensa ser a partir dela que o estudante fará sua leitura sobre o mundo e sobre a realidade que vive: *“Educar para mim é proporcionar meios do estudante ter autonomia para fazer uma leitura crítica da sua posição no mundo”*. Essa visão sobre o desenvolvimento da autonomia também é observada no que pensa o Artur sobre educar, exposto anteriormente. Principalmente quando revela que o sentido de educar para ele está em criar condições para que o estudante se eduque, ou seja, se eduque exercendo sua autonomia. As perspectivas apontadas pelos narradores convergem para o que Paulo Freire: *“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”* (Freire, 2022a, p.24). Fica ainda mais claro o entrelaçamento das concepções de educar dos entrevistados quando Ricardo retoma a ideia de autonomia para explicar que: *“Não é eu dar autonomia para alguém, e sim oportunizar a autonomia para alguém. E por que eu faço isso? Porque eu entendo que foi isso que fizeram pra mim”*.

Nesse sentido, por ter sido aluno do Artur e ter tido contato com a forma de educar dele, ou seja, de oportunizar a autonomia, Ricardo enxerga que também precisa levar essa ideia à frente em suas práticas como professor. Por falar nesse sentimento de devolutiva, de fazer pelo outro o que lhe foi feito em algum momento, João define que *“educar é sinônimo de empoderar”*. Ele explica que enxerga dessa forma, pois a educação para ele foi o meio pelo qual realizou seu sonho de estar na universidade e, desta forma, deseja oportunizar esse momento aos seus alunos. Para o autor, educar é *“uma poderosa ferramenta de emancipação social”* na medida em que proporciona ao sujeito *“compreender melhor o mundo em que vive e a partir disso ter possibilidades de superar suas condições socioeconômicas”*. Também assevera que uma boa educação que visa a liberdade do sujeito *“produz um alargamento dos seus horizontes de vida, à medida que revela novos caminhos para se trilhar”*. Antes de finalizar, o autor não deixa de ratificar o que os demais entrevistados também disseram sobre o fazer pelo outro:

*“Pra mim, professor formado pela universidade pública, que estudou a vida toda em escolas públicas, fica muito latente a necessidade de devolver o investimento que foi feito em mim. Devolver essa educação de liberdade, de autonomia, de afeto! Essa educação que é caminho e não objetivo. Essa educação que se torna ferramenta pra sonhar. No fim, eu acho que transformei educar no meu sonho, muito provavelmente em função de todos os professores(as) e de todos espaços formativos que tive o privilégio de criar vínculos” (Rafael).*

Ao tentar sintetizar o resultado da análise das narrativas de vida desses quatro professores de Geografia intensamente entrelaçadas entre si, creio que aquilo que permanece foi o que marcou a vida de cada um com maior intensidade, visto que é desta forma que as narrativas (auto)biográficas operam quando são convocadas a vir à tona. Percebe-se que o contexto socioeconômico marca a infância e a adolescência dos entrevistados de forma muito semelhante, uma vez que todos vêm de lugares periféricos, distantes dos grandes centros, e que por vivenciarem esses espaços acabam por criar a necessidade de superá-los, de ultrapassá-los como verdadeiros obstáculos. Com vistas de atingir um lugar melhor com condições de vida e até mesmo de sonhos mais possíveis. Decorre disso, que esses sujeitos acabaram por eleger a educação como forma de libertá-los dessa realidade de pobreza material e de certa ausência de perspectivas para o futuro.

A educação, portanto, desponta como a ferramenta que possibilita essa superação da e na realidade dos sujeitos. No sentido de que ela oportuniza, conforme foi narrado na pesquisa, uma liberdade e uma autonomia frente ao embate das dificuldades. Ela oportuniza a construção do conhecimento e a partir dele o acesso à espaços de importância nessa busca pela superação das condições socioeconômicas. Espaços como a UFRGS que primeiro foi ocupada pelas bordas, já que os sujeitos por ali chegaram primeiro por meio das aulas do Cursinho Popular do CEUE. Observa-se que dos espaços que constituíram a formação do ser educador dos participantes dessa pesquisa, o Cursinho Popular do CEUE e a escola pública despontam como principais referências de como educar. Além disso, também ganharam relevância os professores que permearam esses espaços, com destaque ao professor de Geografia do Cursinho Popular do CEUE, o Artur. Nota-se, por último, que o sentido de educar que para todos eles parte da criação de vínculos que só podem ser gerados a partir do acolhimento, da aproximação e do afeto entre

professor e aluno. Por terem sido marcados por uma educação que preconizava a liberdade, a autonomia e a emancipação do indivíduo, esses sujeitos desenvolvem para si o desejo de oportunizar aos seus estudantes a mesma educação de caráter libertador que tiveram.

Por fim trago a síntese sobre a formação do sujeito enquanto professor de Geografia com um trecho da narrativa do professor Artur:

*“Não há como negar minha formação teórica que advém da minha formação acadêmica, ela permeia meu fazer pedagógico. No entanto, antes de qualquer fundamentação teórica o que permeia minha prática docente é a minha essência, é de onde eu vim, é com quem eu troquei ideia. Isso vem muito antes” (Artur).*

No mesmo sentido abordado pelo Artur, o de educar pela essência, Kaercher (2013) escreve “docenciando me existencio. Docenciando explícito quem sou, o que penso e no que creio” (p.178).



#### 4 É SOBRE “PARTIR, VOLTAR E REPARTIR”

*Amar algo é sensibilizar-se diante dos signos que emite. Aquilo que é amado expressa um mundo possível e desconhecido que pede interpretação (Larrosa, p. 100, 2019).*

*Amor é tratar de explicar, desenvolver, explicar, esses mundos desconhecidos que permanecem envoltos no amado (Deleuze, 1987, p. 16).*

Se existe uma conclusão possível para o que foi apresentado neste trabalho, com certeza ela passa pela percepção da educação através do afeto, do amor como vontade, como desejo de oportunizar ao outro o ato de sonhar-se. É desta maneira que os professores que aqui depositaram em forma de palavras suas histórias de vida acreditam e praticam a sua docência. Uma educação para a liberdade, para a autonomia dos sujeitos sobre os obstáculos de suas realidades. Amar é um ato de bravura e está intrinsecamente relacionado com o ato de educar.

Através desta pesquisa ficou claro quanto os contextos socioeconômicos de vulnerabilidade vivenciados durante a infância e a adolescência influenciaram os participantes a estabelecer um olhar mais humanizado sobre as desigualdades presentes nos diferentes cotidianos. Esse olhar de preocupação com relação à como o outro vive, mais tarde ajudou a elaborar a forma com que os professores pensam e praticam a educação. Uma educação voltada para a emancipação social do outro e carregada de afeto. Durante a infância as marcas inseridas pela família ficaram bastante latentes, como o desejo dos pais que os filhos pudessem estudar e alcançar melhores condições de vida a partir disso. Os participantes, portanto, passam a compartilhar o desejo dos pais e buscam na educação pública uma ferramenta para superar suas condições materiais insuficientes, assim como uma alternativa para sonhar-se noutros lugares até então invisíveis em seus horizontes. Nesse sentido, para os sujeitos, a educação torna-se um refúgio para onde se pode

ir em meio a contextos difíceis e a escola se transforma em um porto seguro, onde os sonhos podem ser possíveis e de onde algumas das primeiras referências para o tornar-se professor surge.

Ao investigar a formação profissional do professor de Geografia a partir das experiências de vida dos professores aqui entrevistados, a pesquisa demonstra o quanto os percursos formativos se constituem ao longo do tempo e perpassam por diversos espaços, à medida que as primeiras referências do ser/estar/tornar-se professor vieram da escola básica e também de outros espaços educativos. Observou-se que o estabelecimento de referências em relação à figura do professor e posteriormente a escolha pela docência, ocorreram associadas à criação de vínculos afetivos entre professor e aluno gerados a partir de relações de confiança e de companheirismo. Nesse sentido, o desejo de ser/estar/torna-se professor por parte dos sujeitos nasce das relações de afeto que tiveram com seus professores em diferentes tempos e espaços, o que fez surgir a vontade de docenciar em função do próximo. De proporcionar ao outro o que lhes foi proporcionado primeiro. Um sentimento de devolutiva social para com sua profissão. Algo que soa no sentido do que diz Paulo Freire “me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente” (Freire, 2022b, p.92).

Dentre os espaços que compõem o percurso formativo dos professores de Geografia que fizeram parte desta pesquisa, um deles se mostrou significativamente importante: O Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE. Neste espaço, foi relatado pelos sujeitos que mais do que o conteúdo necessário para aprovação no vestibular, os professores importaram-se em desenvolver o lado humano das relações, contribuindo para uma transformação social e política dos estudantes. Nesse sentido, o cursinho do CEUE é também um espaço preocupado em formar cidadãos que atuem ativamente para a transformação do mundo em que vivemos, afinal como assevera Paulo Freire: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Freire, 2000).

Ademais, enquanto alunos do cursinho os participantes puderam tecer vínculos de afeto com o professor de Geografia de modo que para eles essa ciência lhes pareceu um bom caminho para o docenciar a partir dele. Por sua vez, o Artur

pôde construir suas práticas com autonomia, trazendo contrabandos<sup>7</sup> próprios para suas aulas a partir da liberdade proporcionada aos professores pelo espaço do Cursinho Popular do CEUE. Enquanto espaço físico, o Cursinho Popular do CEUE possibilitou que os sujeitos construíssem uma relação de pertencimento ao espaço universitário da UFRGS, ao passo que suas aulas aconteciam dentro do Campus Central e assim oportunizaram aos sujeitos transformar a universidade em lugar através das relações afetivas criadas por ela.

Como na canção de Emicida com a participação do grande mestre Gilberto Gil, “Viver é partir, voltar e repartir” e desta forma se deu o caminhar desta pesquisa. Pois afinal, a vida - o viver - se traduz no próprio percurso formativo do sujeito enquanto professor de Geografia. A sua volta, marca o momento em que ele toma consciência de que precisa devolver o que lhe foi oferecido: uma educação para a liberdade. A partilha - o repartir - ocorre quando ele retorna ao seu lugar de origem (espaço(s) educativo(s) que o formou) e estende a mão aos iguais para que através da sua educação ele possa proporcionar ao outro a emancipação social. Então, alterando a frase original: Educar é partir, voltar e repartir! É também amar, como coloca Freire: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem” (Freire, 1999, p.97).

---

<sup>7</sup> O termo “contrabando” é usado quando o professor traz algo de sua cultura pessoal para dentro das suas práticas em sala de aula. O termo foi pego de empréstimo do professor Nestor, tornando-se assim também um contrabando.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Pesquisa (auto)biográfica** – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. P. 201-224.
- CAMPOS, Marcio D’Oliveira. *A Arte de Sular-se II*. In: **Interação Museu-Comunidade pela Educação Ambiental**, Manual de apoio a Curso de Extensão Universitária, Scheiner, Teresa Cristina (coord.), p. 59-61, 79-84, TACNET Cultural UNI-RIO, Rio de Janeiro, 1991.
- COSTELLA, Roselane; MENEZES, Victória. **NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS NA LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**: potencialidades para a construção da professoralidade. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 9, n. 18, p. 83-105, jul./dez., 2019.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1987.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida: da invenção de si o projeto de formação**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação**. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 333-346, abr 2011.
- EMICIDA, part. GILBERTO GIL. **É tudo pra ontem**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2020. single.
- EMICIDA. Principia. In: EMICIDA. **AmarElo**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. CD. Faixa 1.
- FIORI, Ernani Maria. **Aprender a dizer a sua palavra**. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 81ª. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022c.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 72. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022b.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022a.

JOSSO, Marie-Christine. **Da formação do sujeito... ao sujeito da formação.** In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (Org.). O método (auto)biográfico e a formação. Trad. Maria Nóvoa. 2 ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014. P. 57-76.

KAERCHER, Nestor André. **Docenciando me existencio.** Existenciando, penso a docência, porque ela me constitui como ser do e no mundo. In: SILVA, Eunice I.; PIRES, Lucineide M. (Org.) Desafios da didática de Geografia. Goiânia: Ed. PUC-GO, 2013. P. 177-194.

KAERCHER, Nestor André. **Se a Geografia escolar é um pastel de vento o gato come a Geografia crítica.** Porto Alegre: Evangraf, 2014.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o que:** sobre o ofício de professor. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação. 2002, n.19, pp.20-28.

LEMINSKI, Paulo. **La vie en close.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.126.

TARDIF, Maurice. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários:** elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. Revista Brasileira de Educação. 2000, n.13, pp.05-24.

TUAN, Yu-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

## APÊNDICE A

### ROTEIRO PARA AS NARRATIVAS

**NOME:**

**IDADE:**

#### **Eixo 1: A História de Vida**

*Apresenta-te e me fala um pouco de onde tu veio. Quais as geografias desse lugar?*

*Conte-me sobre sua vida escolar. Quais memórias tu guarda da escola?*

#### **Eixo 2: Formação docente**

*Já pensou em que momento escolheu a licenciatura?*

*Quando foi que a geografia te encantou?*

#### **Eixo 3: O Cursinho Popular do CEUE-PV**

*Qual é a sua história com o cursinho do CEUE?*

*Quais influências do CEUE tu traz na sua forma de ser professor?*

*Existe algum professor que tenha te influenciado no CEUE-PV?*

## **APÊNDICE B**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**TÍTULO DA PESQUISA: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA E O CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR POPULAR DO CEUE**

**AUTOR(A): RAFAEL SALAMI DORA**

**NATUREZA DA PESQUISA:** O Sr.(a) está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar os entrelaçamentos entre a formação do professor de geografia e o Cursinho Pré-Vestibular Popular do CEUE.

**PARTICIPANTES DA PESQUISA:** Desta pesquisa participarão quatro pessoas residentes no município de Porto Alegre-RS.

**ENVOLVIMENTO NA PESQUISA:** Ao participar deste estudo o participante permitirá que o(a) pesquisador(a) utilize sua identidade sem mudança no nome ou uso de pseudônimo, podendo haver sua identificação em relação a pesquisa. Nesse sentido, o(a) participante está de pleno acordo com o uso de seu nome e de sua identidade. O(a) participante tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (51) 99989-0989 ou pelo e-mail [dorarafael94@gmail.com](mailto:dorarafael94@gmail.com).

**SOBRE A ENTREVISTA:** Serão solicitadas informações sobre a sua trajetória de vida com ênfase na sua formação como professor de geografia, em especial suas experiências no Cursinho Popular do CEUE.

**RISCOS E DESCONFORTOS:** A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos oferece riscos à sua dignidade.

**BENEFÍCIOS:** Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas e pesquisas.

**PAGAMENTO:** Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

### **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

---

Nome do(a) participante

---

Assinatura do(a) participante

---

Local e data

---

Autor(a) da pesquisa

---

Orientador(a) da pesquisa

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos. O orientador desta pesquisa é o Prof. Nestor André Kaercher do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.